



BBR Edição Especial

Vitória-ES, 2015

p. 54 – 75 ISSN 1807-734X

DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbrconf.2015.3>

Determinantes Psicológicos do Desempenho Acadêmico em Ciências Contábeis: Evidências do Brasil

Samuel de Paiva Naves Mamede[†]

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Alessandra Vieira Cunha Marques^Ω

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Pablo Rogers[¥]

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Gilberto José Miranda[±]

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

RESUMO

A proposta desta pesquisa foi investigar a associação entre variáveis psicológicas e desempenho acadêmico de 494 alunos do curso de ciências contábeis de uma universidade pública brasileira. Busco-se evidenciar algumas variáveis psicológicas para a compreensão do comportamento dos alunos dos cursos de ciências contábeis. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário baseado em cinco constructos psicológicos: autoeficácia, autoestima, otimismo, locus de controle e autocontrole. Foram utilizadas as análises de regressão para identificar a influência das variáveis explanatórias sobre o coeficiente de rendimento acadêmico, sendo que os principais resultados demonstraram que: (i) a variável hábito de fumar (tabaco) têm impacto direto sobre o rendimento escolar dos alunos; (ii) o desempenho acadêmico das mulheres é superior em relação aos homens; (iii) a crença no convívio com pessoas de significativo poder de influência e a crença no destino está diretamente relacionada com o desempenho dos alunos; (iv) alunos com faixa etária de 20 a 40 anos de idade têm rendimento significativamente inferior ao dos alunos das outras faixas; e (v) a variável tempo de experiência na área contábil está relacionada diretamente com o desempenho dos alunos.

Palavras-chave: Desempenho discente. Escalas psicológicas. Locus de controle.

Recebido em 28/08/2014; revisado em 13/10/2014; aceito em 26/01/2015; divulgado em 03/08/2015.

*Autor para correspondência:

[†] Mestre em Ciências Contábeis (UFU)
Vínculo: Professor de Finanças e
Econometria
Endereço: Av. João Naves de Avila,
2.121, - Bloco F - Sala 1F216 –
Campus Santa Mônica – Uberlândia -
MG – Brasil - CEP: 38400-902
Email: mamede12@hotmail.com
Telefone: (034) 9192-2562

^Ω Mestre em Ciências Contábeis (UFU)
Vínculo: Professora de Ciências
Contábeis
Endereço: Av. João Naves de Avila,
2.121 - Bloco F - Sala 1F253 –
Campus Santa Mônica – Uberlândia –
MG – Brasil - CEP: 38400-902
Email: alessandra1909@hotmail.com
Telefone: (034) 9908-4867

[¥] Doutor em Administração
(FEA/USP)
Vínculo: Professor na Faculdade
de Gestão e Negócios da
Universidade Federal de
Uberlândia (FAGEN/UFU)
Endereço: Av. João Naves de
Avila, 2.121, - Bloco F - Sala
1F216 –
Campus Santa Mônica –
Uberlândia - /MG – Brasil -
CEP: 38400- 902
Email: pablo@fagen.ufu.br
Telefone: (034) 3239-4132

[±] Doutor em Ciências
Contábeis (USP)
Vínculo: Professor do
Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu da Universidade
Federal de Uberlândia
(FACIC/UFU)
Endereço: Av. João Naves de
Avila, 2.121 - Bloco F - Sala
1F253 - Campus Santa
Mônica – Uberlândia - MG –
Brasil - CEP: 38400-902
Email: gilbertojm@facic.ufu.br
Telefone: (034) 3239-4176

Nota do Editor: Esse artigo foi aceito por Emerson Mainardes



Este trabalho foi licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).

1 INTRODUÇÃO

Compreender o processo de aprendizagem sempre foi importante em todos os sistemas e programas educacionais, pois proporciona o aperfeiçoamento das técnicas de ensino e a melhoria nas políticas educacionais. Todavia uma série de fatores está ligada ao desempenho dos alunos, tais como: qualificação do corpo docente, infraestrutura da instituição de ensino, características sociodemográficas dos discentes, fatores internos do aluno entre outras (TINTO, 1975; MIRANDA, 2011; SANTOS, 2012; MIRANDA et al., 2013).

A aprendizagem do aluno está relacionada às suas intenções com a universidade e às expectativas profissionais predefinidas, que são decorrentes do contexto econômico em que está inserido, conforme destaca Tinto (1975). O autor argumenta que o aluno passa por várias interações com o ambiente acadêmico e social da instituição de ensino, que resultará na redefinição de seus compromissos acadêmicos e de seus objetivos profissionais.

Outros estudos também têm buscado identificar fatores associados ao desempenho dos alunos, tais como, vida escolar pregressa, rendimento, personalidade, experiência no trabalho, características demográficas, variáveis psicológicas, entre outros fatores (KOH; KOH, 1999; BAPTISTA; ALVES; SANTOS, 2008; CORNACHIONE JR. et al., 2010). Tais pesquisas buscam justificativas para disparidades na aprendizagem dos discentes e propõem alternativas facilitadoras para o próprio processo de aprendizagem (CERQUEIRA, 2000).

Pesquisadores da psicologia também têm buscado explicações para o processo de aprendizagem escolar, investigando a influência das variáveis psicológicas sobre desempenho discente: a autoeficácia, que figura entre os fatores que compõem os mecanismos psicológicos da motivação do aluno (BANDURA, 1977); o locus de controle, que segundo a teoria da aprendizagem social, o comportamento dos alunos é influenciado pelo seu próprio comportamento, ou seja, “se o aluno considera que controla o resultado da sua tarefa, mais probabilidades haverá de persistir até a sua execução” (RIBEIRO, 2000, p. 11).

Outra variável psicológica pesquisada no ambiente acadêmico é o otimismo, que tem sido relacionada com o desempenho escolar. Estudos mostram que alunos otimistas acreditam e confiam em suas capacidades, conseqüentemente se adaptam melhor ao ambiente e têm melhores performances na escola (BANDEIRA et al., 2002). Da mesma forma, a autoestima também vem sendo relacionada com o rendimento discente. Estudos mostram que alunos seguros se sentem mais competentes, resultando em desempenhos acadêmicos superiores

(BAUMEISTER et al., 2003; MARSH; O'MARA, 2008; PULLMAN; ALLIK, 2008; BATISTA; DELGADO, 2013).

As pesquisas mencionadas anteriormente, a respeito do desempenho discente, discorrem sobre posicionamentos antagônicos com relação às principais variáveis que influenciam, de forma positiva ou negativa, no rendimento escolar dos alunos. Contudo a maior provocação neste tema é identificar a possível existência de relações e impacto destas variáveis, especificamente as psicológicas, no desempenho dos alunos do curso de ciências contábeis.

Diante do exposto, surge a seguinte questão de pesquisa: quais as variáveis estão relacionadas com o desempenho dos estudantes do curso de ciências contábeis de uma universidade pública brasileira? Para tanto, elegeu-se como medida de desempenho acadêmico o Coeficiente de Rendimento do Aluno (CRA) e como variáveis explicativas as escalas psicológicas de autoeficácia, autoestima, otimismo e locus de controle, assim como duas variáveis *proxies* de autocontrole: consumo de bebida alcoólica e hábito de fumar. Também foram utilizadas quatro outras variáveis de controle: sexo, estado civil, idade e tempo de experiência na área contábil.

O cenário da educação contábil merece atenção dos pesquisadores por pelo menos três motivos: (a) a expansão experimentada nas últimas décadas; (b) as mudanças ocorridas na Contabilidade brasileira com a adoção aos padrões internacionais a partir de 2008; (c) os baixos resultados obtidos nas avaliações de desempenho realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). De acordo com dados do INEP (2007) a média geral da área de Ciências Contábeis no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) foi de 44,1 no Componente Formação Geral (ficando à frente apenas da Administração, 42,1) e de 25,7 no Componente Específico (média geral mais baixa), dentro de uma escala de 0 a 100.

Entre as justificativas deste estudo, destaca-se o fato de que não foram encontrados estudos que relacionassem variáveis comportamentais conjuntamente com variáveis sociodemográficas no desempenho dos estudantes do curso de ciências contábeis no Brasil. Além disso, o estudo também poderá contribuir com os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem na área contábil auxiliando diretores, coordenadores e docentes no planejamento de estratégias pedagógicas mais adequadas às necessidades dos estudantes.

O trabalho está estruturado em quatro seções além desta introdução. Na próxima seção, é apresentada a revisão da literatura. Na terceira, é evidenciada a metodologia utilizada na

pesquisa. Na sequência, é abordada a análise e a discussão dos resultados. Na última seção, são apresentadas as considerações finais do estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 DESEMPENHO DISCENTE

A descrição das pesquisas sobre desempenho discente é densa e aponta que existem fatores externos e internos à unidade escolar correlacionados com a excelência do desempenho do aluno. Algumas pesquisas (ALVES; CORRAR; SLOMSKI, 2004; MIRANDA, 2011) apontam que as variáveis: qualificação acadêmica do corpo docente, professores com conteúdos atualizados, diferentes técnicas de ensino, atividades de pesquisa, uso de livro em vez de apostilas e resumos, pleno acesso a microcomputadores estão positivamente associadas ao desempenho dos alunos do curso de ciências contábeis.

Outro ponto importante destacado no desempenho dos discentes foi apresentado por Santos (2012, p. 193), o qual versa que “o desempenho discente é afetado pela interação entre características próprias dos discentes, como aspectos pessoais, socioeconômicos e os insumos da instituição de ensino.” Sua pesquisa utilizou o banco de dados organizado pelo INEP, relativo aos exames dos estudantes concluintes de ciências contábeis nos anos de 2002, 2003 e 2006 (PROVÃO; ENADE, 2014).

Com relação à análise das variáveis que influenciam o comportamento dos discentes, Eikner e Montondon (2001) analisaram diversos aspectos por 25 anos para explicarem o desempenho discente. Encontraram que apenas três se mostram significativas para o desempenho na disciplina de contabilidade intermediária I sendo: média de notas na faculdade, grau de aproveitamento na disciplina de teoria da contabilidade e idade do aluno.

Variáveis comportamentais também refletem no desempenho discente, entre elas a motivação, aptidão para a área contábil, e tipo de aprendizagem têm apresentado impacto positivo no desempenho do aluno, já a ansiedade reflete negativamente no desempenho acadêmico, conforme aponta Miranda et al. (2013). Esses resultados foram obtidos a partir da análise de 39 artigos que pesquisaram sobre as variáveis que afetam o desempenho dos alunos. Os autores classificaram as variáveis estudadas em três grupos: corpo docente, corpo discente e variáveis institucionais. Puderam constatar que variáveis relacionadas ao corpo discente são as mais pesquisadas e também as que melhor explicam o desempenho do aluno, mas o docente e a Instituição de Ensino Superior, também, podem exercer papel importante. Os autores salientam que as variáveis demográficas não são as de maior peso no sucesso acadêmico dos alunos, entre elas as variáveis positivamente relacionadas ao desempenho são

a situação socioeconômica e o número de filhos. Já fatores como absenteísmo, horas de sono, conhecimento prévio do aluno e sua especialização são citados como relacionados ao desempenho.

Já os resultados de uma pesquisa realizada em uma Universidade Espanhola com discentes do curso de contabilidade revelaram que o interesse em contabilidade, a experiência sobre o assunto, a pontuação de acesso a universidade e a autoconfiança do acadêmico estavam significativamente correlacionadas com o seu desempenho no curso (ARQUERO et al., 2009).

Buscando respostas para os elementos que afetam o desempenho dos discentes de ciências contábeis, Masasi (2012) realizou uma investigação na Universidade Aberta da Tanzânia, com uma amostra de 122 alunos. O autor examinou a relação entre os atributos pessoais (sexo, trabalho, emprego, estado civil, filhos, parentes e idade) e o desempenho geral médio. Os resultados evidenciaram que estudantes com filhos tiveram desempenho maior que estudantes sem filhos, o número de estudantes do sexo masculino é maior do que estudantes do sexo feminino, e o desempenho dos homens foi maior do que o desempenho das mulheres.

Também foi apurado que a experiência prática em algum trabalho relacionado à contabilidade está associada ao desempenho global; em relação ao estado civil do aluno não foi detectada a associação com a sua performance geral; houve uma correlação negativa significativa entre os alunos que moram com parentes e o seu desempenho. O autor encontrou associação entre a idade do discente e seu desempenho, em que pessoas mais maduras obtêm maiores resultados.

Contrariando os achados de Masasi (2012), a pesquisa de Seow, Pan e Tay (2011), realizada no curso de graduação em contabilidade em uma universidade de Cingapura, encontrou evidências de que a idade não está associada com desempenho acadêmico. Além disso, os autores constataram que o pensamento crítico, aptidão matemática e de gênero estão significativamente associados com o sucesso do desempenho acadêmico.

Alguns autores também têm investigado a influência do uso de drogas sobre o desempenho escolar. Pasqualotto et al. (2002) contribuem para a discussão, encontrando em suas pesquisas realizadas com estudantes da cidade de Santa Maria, Brasil, que o pior desempenho escolar está associado com a possibilidade de o aluno vir a fumar. Os autores verificaram que os alunos suscetíveis a fumar apresentaram média de desempenho abaixo da média geral.

Estudos sobre os efeitos de diversos padrões de consumo de álcool sobre o desempenho escolar na adolescência em Portugal foram desenvolvidos por Fonseca (2010). Os principais resultados evidenciaram que o consumo moderado e ocasional não traz impacto sobre o desempenho acadêmico. Warner (1998) e Donovan et al. (2004) também contribuem com a discussão argumentando que o consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens influencia no seu rendimento escolar.

Conforme exposto, o processo de desempenho é um tema complexo, que envolve diversas variáveis e abre caminhos para a realização de pesquisas em diversas frentes. Como o profissional contábil vem assumindo, nesse sentido, cada vez mais, um papel importante no desenvolvimento da economia, faz-se necessária uma pesquisa que teste as variáveis que influenciam a educação contábil e que consequentemente possa trazer melhorias a esse processo de aprendizagem.

2.2 VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS E DESEMPENHO DISCENTE

Pesquisadores da psicologia têm buscado explicações para as disparidades no nível de desempenho dos alunos. Avanci et al. (2007) destacam a importância de avaliar a autoestima do aluno no contexto acadêmico, principalmente em situações de baixo desempenho escolar. Segundo os autores, entende-se por autoestima a avaliação que a pessoa faz de si mesma, expressando uma atitude de aprovação ou de repulsa de si. A autoestima é o juízo pessoal de valor revelado em atitudes que um indivíduo tem consigo mesmo e avaliada segundo níveis: baixo, médio e alto. Ainda de acordo com Avanci et al. (2007), a baixa autoestima caracteriza-se pelo sentimento de incompetência, de falta de adequação à vida e incapacidade de superar desafios.

Ressaltam-se ainda os estudos que relacionaram a autoestima e o desempenho escolar dos alunos, conforme destacam Baumeister et al., (2003), Marsh e O'Mara (2008) Pullman e Allik (2008). Esses autores investigaram a relação entre a autoestima e desempenho escolar e constataram que a alta autoestima não necessariamente leva a um bom desempenho, em vez disso, autoestima elevada é em parte o resultado de um bom desempenho escolar. Nesse contexto, surge a primeira hipótese de pesquisa:

H1: A autoestima afeta positivamente os resultados do desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

O otimismo também tem sido objeto de pesquisa na temática de desempenho acadêmico. Bandeira et al. (2002) realizaram uma investigação com 396 alunos, com idade

média de 22,34 anos. Foi constatado que o nível baixo de otimismo influencia na adaptação dos estudantes ao ambiente universitário, e causa menor desempenho acadêmico. Diante desses achados, surge a segunda hipótese de pesquisa:

H2: O otimismo afeta positivamente os resultados do desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

Conforme argumenta Bandeira et al., (2002) situações ou eventos passados influenciam as expectativas em relação a eventos futuros. As atribuições de que eventos negativos possuem causas internas, estáveis e globais estariam relacionadas a uma orientação pessimista. Dessa forma, nota-se que o otimismo se correlaciona com medidas de outros conceitos correspondentes, tais como autoestima, locus de controle e auto eficácia (BANDEIRA et al., 2002).

Flowers, Milner e Moore (2003) investigaram o impacto do locus de controle sobre os resultados acadêmicos de alunos africanos. Os resultados mostram que alunos com níveis mais altos de locus de controle eram mais propensos a ter aspirações educacionais mais elevadas do que os alunos com níveis mais baixos de locus de controle. Ross e Broh (2000) também pesquisaram sobre a influência do locus de controle sobre o desempenho do aluno, e concluíram que o senso de controle pessoal afeta o desempenho acadêmico. Com isso, surge a terceira hipótese de pesquisa:

H3: Locus de controle interno afeta positivamente o desempenho dos alunos de ciências contábeis enquanto locus de controle externo afeta negativamente o desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

A justificativa para a utilização dessa hipótese é que, de acordo com Rogers-Silva (2011), indivíduos com maior grau de locus de controle interno têm a percepção de serem mais responsáveis sobre os eventos do dia a dia ao seu redor, e indivíduos com maior grau de locus de controle externo têm a percepção de que pouco influencia os eventos cotidianos à sua volta.

Já a pesquisa evidenciada por Teixeira (2008) analisou a associação entre a variável autoeficácia e rendimento escolar de alunos da Universidade de Lisboa. Os resultados mostram que o construto da eficácia pessoal está fortemente relacionado com as aprendizagens escolares e sociais. Oliveira e Soares (2011) também investigaram a relação da variável autoeficácia com o desempenho de estudantes do ensino fundamental de duas escolas

particulares do município do Rio de Janeiro. Os resultados revelam que essa variável prediz o desempenho dos alunos.

Segundo Zimmerman (2000), a autoeficácia tem emergido como um preditor eficaz da aprendizagem dos alunos, esse constructo tem se mostrado sensível às melhorias nos métodos de aprendizagem e de previsão de resultados de desempenho dos alunos. Bong e Skaalvik (2003) argumentam que as percepções positivas de autoeficácia geram muitos resultados desejáveis, levando os alunos a definirem metas acadêmicas atingíveis e desafiadoras para si mesmos. Esses alunos se sentem menos ansiosos nos contextos de realização, sentem mais prazer em seus trabalhos acadêmicos, persistem mais tempo em tarefas difíceis, e no geral se sentem melhor como pessoa e como estudante.

O estudo da autoeficácia busca principalmente compreender o poder na crença do indivíduo com relação a suas competências pessoais que lhe permitam lidar com uma variedade de situações e sua capacidade de realizar várias tarefas em diferentes contextos (MEDEIROS, 2006). Diante desses achados, surge a quarta hipótese de pesquisa:

H4: A autoeficácia tem influência positiva no desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

Os estudos destacados por Cruz (2006) apontaram outras variáveis comportamentais. Além disso, o autor argumenta que o autocontrole pode ser a explicação para problemas dos indivíduos e da sociedade, tais como: a violência, o uso de drogas, a preservação do meio ambiente, entre outros. O autor afirma ainda que na solução de problemas comportamentais envolvendo tanto o interesse dos indivíduos quanto do grupo no qual estão inseridos, o comportamento do autocontrole se mostra como um importante instrumento.

Epstein (1997) analisou sujeitos sem nenhum repertório comportamental de autocontrole, e encontrou que essas pessoas são totalmente controladas pelos estímulos ambientais que as cercam, gerando comportamento compulsivo de comer, fumar, consumir bebidas alcoólicas, dentre outros. Ao contrário, têm-se os indivíduos com repertório de autocontrole, que mudam as variáveis ambientais que afetam seu comportamento, sendo assim controlado por consequências atrasadas dos acontecimentos, como exemplo: estudar para se sair bem nas provas.

Nesse sentido, quando o aluno recebe convite dos amigos para ir para um bar, ele pode ter dois comportamentos. Primeiro, ele pode agir sem pensar e ir ao bar com os amigos e desfrutar do prazer da companhia dos amigos, da música, da bebida, mesmo que isso lhe traga

consequências como perder pontos num trabalho ou deixar de assistir a uma aula com um conteúdo importante que o professor ministrou. Ou ainda, ele pode refletir sobre as consequências futuras que essa atitude pode lhe trazer, como perder conteúdo ministrado, ser penalizado na pontuação, faltas no currículo, etc., surgindo então o autocontrole, que repele o convite dos amigos (CRUZ, 2006). Diante desse contexto, surge a quinta hipótese de pesquisa:

H5: O autocontrole está associado positivamente ao desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em função dos objetivos da pesquisa, optou-se por realizar um estudo descritivo a partir de uma abordagem quantitativa, partindo do pressuposto da construção de hipóteses, as quais são testadas mediante ao tratamento estatístico. O foco do modelo será analisar se existe relação entre o Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) dos discentes e algumas das variáveis sócio demográficas e psicológicas discutidas na revisão da literatura.

3.1 AMOSTRA

Para realizar a pesquisa, a população definida foi composta pelos alunos matriculados a partir do segundo período do curso de graduação em Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira, pois os alunos do primeiro período ainda não têm CRA. Os questionários com respostas válidas foram 494, representando, aproximadamente, 49% dos alunos matriculados no curso. Os alunos foram abordados para responder o questionário sob o mais absoluto sigilo das informações.

3.2 COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta dos dados buscou informações sobre o comportamento sócio econômico de alunos do curso de graduação em ciências contábeis, para posteriormente relacionar com seu CRA. Na primeira parte do questionário foi coletado o número de matrícula do aluno; na segunda parte encontram-se as questões, separadas de acordo com escalas psicológicas: autoeficácia, locus de controle, otimismo e autoestima. As outras variáveis são: sexo, estado civil, idade e hábitos de fumar e consumo de bebida alcoólica, como *proxies* de autocontrole.

O questionário foi testado por meio de um pré-teste com os 13 alunos do curso de mestrado em ciências contábeis da instituição objeto da pesquisa, no qual os participantes sugeriram melhorias no instrumento de pesquisa. Sendo assim, a estruturação das escalas em

relação aos itens dos questionários dos 4 constructos foi feita da seguinte forma: o constructo autoeficácia no presente modelo foi utilizado por meio da Escala Geral de Autoeficácia, desenvolvida por Schwarzer (1992). Essa escala foi validada por Nunes et al. (1999) e utilizada por Medeiros (2006) no âmbito de aprendizagem em administração de empresas. A Escala de Locus de Controle foi baseada em Levenson (1973), devido à sua simplicidade (pequena quantidade de itens) e generalidade (DELA COLETA, 1997).

Para a construção da variável otimismo, utilizou-se do Teste de Orientação da Vida (TOV), proposto originalmente por Scheier, Carver e Bridges (1994) e validado no Brasil por Bandeira et al., (2002). O TOV mensura “o construto de orientação da vida, referente à maneira como as pessoas percebem suas vidas, de uma forma mais otimista ou menos otimista” (BANDEIRA et al., 2002, p. 252). A escala de autoestima de Rosenberg (1956/1989) foi selecionada para construir a variável autoestima, pois é um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da autoestima global (MARTIN-ALBO et al., 2007) e foi validada nacionalmente pelo trabalho de Avanci et al. (2007).

Utilizou-se o Alfa de Cronbach (α) para estimar a confiabilidade das escalas psicológicas do questionário aplicado na pesquisa. Segundo Hora, Monteiro e Arica (2010), os coeficientes de α devem apresentar resultados maiores que 0,60 para serem considerados aceitos.

3.3 MODELO EMPÍRICO

Os dados encontrados nas respostas aos questionários são confrontados com os resultados do CRA para verificação de associações entre as variáveis sociodemográficas e psicológicas investigadas e o desempenho acadêmico dos discentes. Uma resolução do Conselho de Graduação da Universidade determina que o cálculo do CRA deve ser realizado no final de cada período letivo. A fórmula para cálculo do CRA abrange a nota, a carga horária cursada, a carga horária matriculada e a carga horária em componentes curriculares com reprovação por frequência.

Os CRA's dos alunos foram fornecidos pela coordenação do curso. Na pesquisa, é analisado o desempenho das turmas individualmente (do 2º ao 10º período), pois o cálculo do coeficiente é feito de maneira cumulativa em relação aos períodos anteriores. O modelo empírico utilizado nessa pesquisa, que contempla a associação entre o CRA dos alunos e as variáveis explanatórias, é representado na equação abaixo:

$$y = \beta_0 + \beta_1x_1 + \beta_2x_2 + \dots + \beta_px_p + \varepsilon \quad (1)$$

Em que y representa a variável dependente CRA; x_1, x_2, \dots, x_p representam as variáveis independentes autoeficácia, locus de controle interno, acaso, outros poderosos, otimismo, alta autoestima, baixa autoestima, consumo de álcool, consumo de fumo, sexo, idade, estado civil e tempo de experiência na área contábil; $\beta_0, \beta_1, \beta_2, \dots, \beta_p$ representam os parâmetros e ε é o termo de erro, caracterizado por uma variável aleatória, que segue os pressupostos do modelo normal de regressão linear clássico (GUJARATI; PORTER, 2011).

4 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Todas as escalas psicológicas, exceto locus de controle interno, apresentaram Alfa de Cronbach superiores a 0,60, motivo pela qual essa escala não fez parte na construção do modelo empírico. A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas para as variáveis psicológicas do modelo e para os CRA's dos alunos. Salienta-se que foi adotado o mesmo procedimento de imputação dos valores perdidos nas escalas psicológicas que Rogers-Silva (2011), ou seja, de preencher o valor perdido em cada pergunta da escala a partir da regressão da referida pergunta contra as outras perguntas da escala psicológica. No geral, os dados perdidos não mostraram potencial de problemas, pois não somaram mais de 2% da base de dados. Nas outras variáveis de controle, não foram observados dados perdidos.

Tabela 1 - Estatística Descritiva das Escalas Psicológicas (N=494)

	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Autoeficácia	29,51	4,22	14	40
Otimismo	16,74	3,68	4	24
Alta autoestima	15,68	2,51	5	20
Baixa autoestima	15,30	2,99	5	20
O poder	18,97	4,13	11	37
Acaso	19,50	4,19	10	33
CRA	70,10	14,28	15,47	95,04

Nota: Escala de autoeficácia baseada em Schwarzer (1992); Escala de otimismo baseado no Teste de Orientação da Vida (TOV) de Scheier et al. (1994); Escala de autoestima, com duas subescalas (baixa autoestima e alta autoestima) baseada em Rosenberg, conforme validação de Avanci et al. (2007); O poder e Acaso são as subescalas da escala locus de controle de Levenson, conforme validação de Dela Coleta e Dela Coleta (1997), que mensuram o constructo locus de controle externo; CRA = coeficiente de rendimento acadêmico.

Fonte: Elaborada pelos autores.

O CRA dos alunos mostra que em média os estudantes têm desempenho de 70,10%. Esse desempenho mediano pode ser justificado pela falta de experiência prática na área contábil, pois 65,44% (Tabela 2) dos respondentes disseram que não possuem experiência na área contábil. Conforme mostra a pesquisa de Arquero et al., (2009) que encontraram correlação entre desempenho e tempo de experiência. Na Tabela 2 são apresentados os

resultados da estatística descritiva das variáveis sócio demográficas e das duas *proxies* de autocontrole.

Tabela 2 - Estatística Descritiva das Outras Variáveis de Controle (N=494)

	Observações	Frequência Percentual
Sexo feminino	216	43,72%
Sexo masculino	278	56,28%
Solteiro	442	89,47%
Casado	50	10,12%
Divorciado	2	0,40%
Fumante	14	2,83%
Não fumante	480	97,17%
Não consome bebidas alcoólicas	267	54,71%
Consome bebidas alcoólicas nos finais de semana	200	40,98%
Consome bebidas alcoólicas três vezes por semana	21	4,30%
Tempo de experiência – zero	320	65,44%
Tempo de experiência – menos de um ano	66	13,50%
Tempo de experiência – de um ano a dois anos	50	10,22%
Tempo de experiência – de dois anos a três anos	28	5,73%
Tempo de experiência – de três anos a quatro anos	10	2,04%
Tempo de experiência – acima de quatro anos	15	3,07%
Idade menor de 20 anos	125	25,30%
Idade entre 20 anos até 30 anos	339	68,62%
Idade de 30 até 40 anos	24	4,86%
Idade superior a 40 anos	6	1,21%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Por meio das estatísticas apresentadas na Tabela 2, torna-se possível caracterizar os alunos do curso de ciências contábeis que fizeram parte da amostra: a maioria (56,28%) é do sexo masculino, corroborando com os estudos de Masasi (2012); 68,04% estão na faixa etária de 20 anos a 30 anos; 89,47% dos respondentes são solteiros, apenas 2,89% têm o hábito de fumar, e 45,28% responderam que consomem bebidas alcoólicas, o que mostra que o consumo de álcool é maior do que o consumo de cigarro entre esses alunos. Do total de pessoas que responderam que consomem bebidas alcoólicas, 40,98% bebem apenas nos finais de semanas.

A Tabela 3 apresenta a matriz dos coeficientes de correlação de Spearman entre as escalas psicológicas do modelo e o CRA. Verifica-se que nenhuma dupla de variáveis apresenta correlação elevada a ponto de causar um problema de multicolinearidade, pois os coeficientes apresentados estão abaixo de 0,80 em módulo, conforme regra prática apresentada em Gujarati e Porter (2011).

Tabela 3: Coeficiente de Correlações de Spearman entre as Escalas Psicológicas e o CRA (N=494)

	CRA	Autoeficácia	O poder	Acaso	Otimismo	Baixa autoestima	Alta autoestima
CRA	1,00						
Autoeficácia	-0,04	1,00					
O poder	-0,02	-0,09	1,00				
Acaso	-0,11*	-0,11*	0,48*	1,00			
Otimismo	0,06	0,28*	-0,13*	-0,21*	1,00		
Baixa autoestima	0,03	0,31*	-0,23*	-0,28*	0,40*	1,00	
Alta autoestima	0,04	0,37*	-0,13*	-0,18*	0,33*	0,58*	1,00

Fonte: Elaborada pelos autores.

Para estimativa do modelo final, utilizou-se a amostra sem outliers (N=457). Para exclusão dos outliers, adotou-se os cálculos das estatísticas $dfits$ para cada resíduo padronizado e empregou-se os pontos de corte sugeridos por Baum (2006), cujo critério reside em excluir as observações com $|dfits| > 2(k/N)^{1/2}$, onde k =número parâmetros no modelo, e N =número de observações.

A Tabela 4 traz os resultados e a robustez do modelo proposto: 1) o cálculo do fator de inflação de variância (VIF) para cada variável provou a ausência de problemas de multicolinearidade ($VIF < 10$), assim como na análise das correlações individuais; 2) o teste de Breusch-Pagan-Godfrey apresentou resultado não significativo de forma a provar a ausência de heterocedasticidade nos resíduos ($\chi^2=1,58$; p -valor=0,20); e 3) O teste RESET de Ramsey não rejeitou a especificação do modelo ($F=0,11$; p -valor=0,95), além da estatística F corroborar que o modelo como um todo é significativo ao nível de 1%.

Das variáveis psicológicas investigadas, apenas o poder e o acaso, que se referem ao locus de controle externo, apresentam associação com o desempenho dos alunos, sendo a primeira com um nível de significância de 5% e a segunda com nível de significância de 1%. Esse resultado corrobora os estudos de Ross e Broh (2000), que encontraram que o senso de controle pessoal afeta o desempenho acadêmico.

Os resultados para a variável poder mostram que os alunos com a crença do controle por pessoas poderosas tiram notas superiores quando comparados aos demais alunos. Cornachione et al., (2010) encontraram o desempenho acadêmico superior é mais atribuído pelos alunos a causas internas que o desempenho acadêmico inferior.

Tabela 4 - Fatores Determinantes para o Desempenho Acadêmico dos Alunos do Curso de Ciências Contábeis (N=457)

		Coeficientes estimados	Estatística T
Variáveis Psicológicas	Intercepto	73,10	10,34*
	Autoeficácia	-0,01	-0,06
	O poder	0,28	1,71***
	Acaso	-0,42	-2,53*
	Otimismo	0,14	0,81
	Baixa autoestima	0,11	0,44
	Alta autoestima	0,02	0,06
Sexo	Feminino	2,05	1,65***
Estado civil	Divorciado	-10,54	-1,20
	Solteiro	-1,14	-0,49
Hábito de fumar	Sim	-7,20	-1,82***
Consumo de bebida	Sim	-1,63	-1,49
Idade	Entre 20 e 30anos	-2,82	-2,09**
	Entre 30 e 40 anos	-6,12	-1,75***
	Mais de 40 anos	-2,00	-0,27
Tempo de Experiência na área contábil	Menos de um ano	-1,36	-0,79
	De um ano a dois anos	0,03	0,02
	De dois anos a três anos	6,57	2,57*
	De três anos a quatro anos	4,39	1,06
	Mais de quatro anos	0,21	0,06

F = 2,14*

R² = 0,08

Nota: Significância estatística: *1%, **5%, e ***10%; As categorias consumo de bebidas alcoólicas nos finais de semana e consumo de bebidas alcoólicas três vezes por semana foram agregadas em uma única categoria: consumo de bebida alcoólica.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Já a variável acaso evidencia que os alunos que acreditam que suas vidas são controladas pelo acaso, sorte, ou o destino têm rendimento escolar inferior quando comparado aos demais alunos sem essa característica, mostrando que o aluno deve estudar para ter bom desempenho, e não apenas acreditar em sorte ou destino. Essa constatação está alinhada com Cornachione et al., (2010) ou seja, maior frequência de causas externas está relacionada ao desempenho inferior.

Diante dos resultados das variáveis poder e acaso, não se rejeita, parcialmente, a hipótese **H3**: o lócus de controle externo impacta negativamente no desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra; já que não foi possível avaliar o impacto do lócus de controle interno.

Também não foi encontrada associação entre a escala psicológica autoestima (baixa autoestima e alta autoestima) com o desempenho dos alunos. Os resultados dessa pesquisa corroboram os estudos de Baumeister et al. (2003), Marsh e O'Mara (2008) e Pullman e Allik (2008). Todos esses autores constataram que a alta autoestima não necessariamente leva a um bom desempenho. Portanto, rejeita-se a hipótese **H1**: a autoestima impacta positivamente nos resultados do desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

Não foi constatada associação entre otimismo e desempenho dos alunos de ciências contábeis, contradizendo os estudos de Bandeira et al. (2002). Essas contradições nos resultados das pesquisas mostram que o assunto merece ser discutido e investigado empiricamente em outros contextos. Sendo assim, rejeita-se a hipótese **H2**: o otimismo impacta positivamente os resultados do desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

Outra variável considerada no contexto acadêmico foi a autoeficácia. As pesquisas de Zimmerman (2000), Bong e Skaalvik (2003), Teixeira (2008), Oliveira e Soares (2011), mostram que essa variável é uma preditora eficaz da aprendizagem dos alunos, e que está fortemente relacionada com as aprendizagens escolares e sociais. Todavia a presente pesquisa não encontrou associação entre autoeficácia e o desempenho dos alunos de ciências contábeis, portanto, rejeita-se a hipótese **H4**: a autoeficácia tem influência positiva no desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

A despeito dos achados não significativos para as escalas de autoestima, autoeficácia e otimismo, salienta-se que esses constructos estão muito relacionados entre si, como apontam Bandeira et al., (2002) de forma que a escala de lócus de controle externo, significativa no modelo final, possa estar captando informações oriundas das outras escalas: as significativas correlações entre as escalas na Tabela 3 evidenciam esse fato.

Ao serem exploradas as outras variáveis que impactam o desempenho discente, verifica-se que sexo, idade entre 20 e 40 anos, tempo de experiência na área contábil e hábitos de fumar estão estatisticamente associadas ao CRA dos alunos. Em relação às faixas etárias, os resultados mostram que alunos entre 20 e 40 anos têm rendimento escolar inferior aos demais discentes. Esses achados confirmam a teoria de Eikner e Montondon (2001) e Masasi (2012) de que a maturidade permite que os alunos mais velhos tenham maior concentração e melhor gestão do seu tempo, obtendo maior sucesso na área contábil.

Para tempo de experiência na área contábil os achados mostram que apenas o tempo entre dois e três anos têm significância estatística, ou seja, os alunos com esse tempo de experiência apresentam desempenho escolar de 6,57 pontos a mais do que os demais alunos do curso de ciências contábeis da universidade objeto desse estudo, corroborando os achados das pesquisas de Masasi (2012).

O resultado para a variável hábito de fumar mostra que existe uma associação negativa e significativa com o CRA do aluno, confirmando os achados de Pasqualotto et al. (2002). Os

fumantes têm um desempenho inferior de 7,20 pontos quando comparados aos alunos que não fumam. Uma justificativa para essa performance inferior pode estar relacionada aos indivíduos sem autocontrole, que, segundo Epstein (1997) e Cruz (2006), podem acarretar comportamento compulsivo, como o uso drogas e o baixo desempenho discente.

Os aspectos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas mostram que essa característica não está associada à performance do aluno, contrariando os achados de Warner (1998) e Donovan et al. (2004). Uma possível explicação para esse fato pode estar relacionada à periodicidade do consumo entre esses estudantes: Fonseca (2010) argumenta que o consumo eventual não impacta no rendimento do discente. A maior parte dos alunos consumidores declarou que consome bebidas alcoólicas apenas nos finais de semana. Diante desses resultados para hábitos de fumar e consumo de bebida, não se rejeita **H5**: o autocontrole está associado positivamente ao desempenho dos alunos de ciências contábeis da amostra.

Quanto à variável sexo, os resultados mostram que as mulheres do curso de ciências contábeis têm melhor performance acadêmico do que os homens, opondo-se aos achados de Masasi (2012) que encontrou que o desempenho dos homens é melhor do que o desempenho das mulheres. O estado civil não se mostrou estatisticamente significativo para justificar o rendimento escolar dos alunos, confirmando o resultado da pesquisa de Masasi (2012).

A Tabela 5 traz o cruzamento dos dados de consumo de álcool, por idade e por sexo dos respondentes da pesquisa.

Tabela 5 - Cruzamento dos Dados Consumo de Drogas, Idade e Sexo

Drogas	Sexo		Faixa etária – em anos			
	Feminino	Masculino	< 20	20 - 30	30 – 40	>40
Álcool – não consome	86	181	79	173	12	3
Álcool – finais de semana	89	111	40	147	11	2
Álcool – 3x por semana	5	16	2	18	0	1
Fumante	1	13	3	11	0	0
Não Fumante	277	203	122	328	24	6

Fonte: Elaborada pelos autores.

Apesar de o consumo de bebidas alcoólicas não estar relacionado ao desempenho discente dos alunos do curso de ciências contábeis, ele merece atenção da sociedade, pois 45,25% dos jovens pesquisados consomem bebidas alcoólicas. Entre eles, os estudantes do

sexo masculino representam 57,47%, e a maioria desses consumidores (93,67%) é menor de 30 anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi investigar a influência de variáveis psicológicas sobre o desempenho dos alunos do curso de ciências contábeis de uma universidade pública brasileira. Apesar da extensa gama de estudos investigando o desempenho discente, ainda há dúvidas e controvérsias sobre quais aspectos têm influência positiva ou negativa sobre o rendimento escolar dos alunos. Além disso, não foram encontrados estudos que investigam o impacto de variáveis psicológicas sobre o desempenho dos alunos do curso de ciências contábeis, que são futuros profissionais que têm papel de destaque no ambiente econômico como responsáveis pelas informações para a tomada de decisão dos agentes econômicos.

O modelo empírico utilizado foi uma regressão linear múltipla, estimada via Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), cujos pressupostos foram testados, com o objetivo de avaliar a associação entre desempenho discente do curso de ciências contábeis e as variáveis: sexo, estado civil, hábitos de fumar, consumo de bebidas alcoólicas, idade, tempo de experiência na área contábil, autoeficácia, otimismo, locus de controle e autoestima.

Como contribuição adicional para a literatura, foram evidenciadas possíveis influências dos hábitos de fumar, sexo, idade, tempo de experiência na área contábil e do constructo locus de controle externo sobre a performance dos alunos do curso de ciências contábeis da amostra. Além disso, os resultados dessa pesquisa têm implicações práticas para o desenvolvimento de estratégias para melhorar o desempenho acadêmico desses universitários, auxiliando diretores, coordenadores e docentes no planejamento de ações focadas nas variáveis que influenciam o desempenho dos alunos.

Considerando-se o cenário atual, marcado pela de expansão do ensino superior no Brasil atualmente, as mudanças ocorridas na Contabilidade brasileira com a adoção aos padrões internacionais a partir de 2008 e os baixos resultados obtidos nas avaliações de desempenho realizadas em âmbito nacional, os resultados apurados podem direcionar a construção de projetos pedagógicos na área contábil, subsidiar a construção de políticas de ensino, tanto por parte da classe profissional quanto por parte do governo e de instituições de ensino superior. Mas, principalmente, pode auxiliar aos próprios estudantes a conhecerem os limites identificados para ampliar suas performances.

Com os principais resultados, infere-se que entre as drogas lícitas mais consumidas no Brasil (álcool e tabaco), apenas o tabaco têm impacto sobre o rendimento escolar. Apesar de o consumo de bebidas alcoólicas não ter apresentado resultados estatisticamente significativos, para inferir sobre os efeitos negativos na vida escolar dos discentes, o número de jovens menores de 30 anos que são consumidores merece atenção da sociedade: 93,67% dos 221 respondentes que se declararam consumidores de bebidas alcoólica são jovens menores de 30 anos. Como se sabe, esse vício instala-se lentamente. Portanto, é de esperar que a queda no rendimento possa ocorrer em tempos futuros.

Em relação à faixa etária, a idade entre 20 e 40 anos está negativamente associada ao desempenho do aluno, isto é, a tendência é de que quanto maior a idade, menor o desempenho acadêmico do aluno de ciências contábeis. E a variável tempo de experiência na área contábil mostra que o tempo de dois a três anos de vivência com a prática contábil está positivamente relacionado à performance acadêmica dos alunos de ciências contábeis. Uma possível explicação para este efeito reside na argumentação de que a aplicação dos conceitos e técnicas contábeis, ao longo do tempo de experiência, pode ajudar o discente no processo de aprendizado e na fixação dos conceitos aprendidos em sala de aula.

Quanto ao estado civil, este não se mostrou estatisticamente significativo, ou seja, para esta base de dados, não se pode inferir qualquer tipo de associação à performance do estudante de contabilidade. Os resultados mostram ainda que as mulheres apresentam rendimento acadêmico superior aos dos homens.

Analisando-se os resultados das escalas psicológicas, apenas o constructo *locus de controle externo* (o poder e o acaso) apresentou significância estatística, mostrando que a crença do controle por pessoas poderosas está positivamente associada ao desempenho discente. Esta crença perpassa pelo fato de que pessoas que possuem significativo poder de influência sobre as outras tendem, ao longo dos anos acadêmicos, a obter maior desempenho.

Os achados evidenciam também que a crença no acaso, sorte ou destino está negativamente relacionada ao rendimento do aluno. Em outras palavras, o fato de acreditar que o acaso e/ou sorte do destino são tão somente os provedores do sucesso influencia de forma contrária o desempenho acadêmico.

As demais variáveis: *autoeficácia*, *otimismo*, *locus de controle interno*, *alta autoestima* e *baixa autoestima* não se mostraram relacionadas ao desempenho discente dos alunos do curso de ciências contábeis objeto do estudo.

Uma das limitações do presente estudo foi aplicar os questionários aos alunos que estavam presentes em sala de aula, e assim não conhecer o padrão das variáveis comportamentais de alunos ausentes. Conforme descrito pela literatura, alunos com problemas psicológicos e com uso problemático de drogas têm dificuldades de honrar com suas obrigações, sendo possível que muitos deles estivessem entre os ausentes.

Uma segunda limitação presente na pesquisa reside no fato de que a amostra fundamentou-se apenas em uma instituição de ensino. Por fim, destaca-se ainda a limitação de que foram analisadas apenas algumas variáveis demográficas e psicológicas.

Sugere-se, como futura pesquisa, um estudo sobre as variáveis que impactam o rendimento escolar dos alunos dos cursos de negócios: Administração, Ciências Contábeis, e Ciências Econômicas, pois são áreas afins. Sugere-se comparar os resultados obtidos entre os cursos para a verificação dos aspectos psicológicos que estão associados ao rendimento em cada um desses cursos.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. V.; O, CORRAR, L.; J, SLOMSKI, V. A docência e o desempenho dos estudantes dos cursos de graduação em contabilidade no Brasil. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 4., 2004, São Paulo (SP). **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2004.

ARQUERO, J. L.; BYRNE, M.; FLOOD, B.; GONZALEZ, J. M. Motives, expectations, preparedness and academic performance: a study of students of accounting at a Spanish University. **Revista de Contabilidad-Spanish Accounting Review**, v. 12, n. 2, p. 279-300, 2009.

AVANCI, J. Q.; ASSIS, S. G.; SANTOS, N. C.; OLIVEIRA, R. V. C. Adaptação transcultural de Escala de Auto-estima para adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3, p. 397-405, 2007.

BANDEIRA, M.; BEKOU, V.; LOTT, K. S.; TEIXEIRA, M. A.; ROCHA, S. S. Validação transcultural do Teste de Orientação da Vida. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 251-258, 2002.

BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1977.

BATISTA, M.; DELGADO, S. C. A prática de judo em relação com o autoconceito, a auto-estima e o rendimento escolar de alunos do primeiro ciclo do ensino básico. **Revista de Ciencias del Deporte**, v. 9, n. 3, p. 193-210, 2013.

BAPTISTA, M. N.; ALVES, G. A. S.; SANTOS, T. M. M. Suporte familiar, auto-eficácia e *locus* de controle evidências de validade entre os construtos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 2, p. 260-271, 2008.

BAUM, C.F. **An introduction to modern econometrics using Stata**. Stata Press College Station, USA, 2006.

BAUMEISTER, R. F. et al. Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? **Psychological Science in the Public Interest**, v. 4, p. 1-44, 2003.

BONG, M.; SKAALVIK, E. M. Academic self-concept and self-efficacy: How different are they really? **Educational Psychology Review**, v. 15, n. 1, p. 1-40, 2003.

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em universitários**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2000.

CORNACHIONE JR. E. B. et al. O bom é meu, o ruim é seu: perspectivas da teoria da atribuição sobre o desempenho acadêmico de alunos da graduação em Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade e Finanças**, v. 21, n. 53, p. 1-24, 2010.

CRUZ, R. N. Uma introdução ao conceito de autocontrole proposto pela análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 8, n.1, p. 1-9, 2006.

DELA COLETA, M. F.; DELA COLETA, J. A. Estudos sobre o locus de controle: uma amostra da pesquisa brasileira no período 1979-1995. **Cadernos de Psicologia**, n. 1, p. 135-141, 1997.

DONOVAN, J. E. et al. Really underage drinkers: alcohol use among elementary students. **Alcoholism: Clinical and Experimental Research**, v. 28, n. 2, p. 341-349, 2004.

EIKNER, A. E.; MONTONDON, L. Evidence on factors associated with success in intermediate accounting I. **Accounting Educators Journal**, v. 13, 2001.

EPSTEIN, R. Skinner as self-manager. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 30, n. 3, p. 545-568, 1997,

FLOWERS, L. A.; MILNER, H. R.; MOORE, J. L. Effects of locus control on African American high school seniors' educational aspirations. **The High School Journal**, v. 87, n. 1, p. 39-50, 2003.

FONSECA, A. C. Consumo de álcool e seus efeitos no desempenho escolar. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 44, n. 1, p 259-279, 2010.

GUJARATI, D.; PORTER, D. C. **Econometria básica**. 5. ed. Porto Alegre: McGraw Hill, 2011.

HORA, H. R. M.; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o coeficiente Alfa de Cronbach. **Produto & Produção**, v. 11, n. 2, p. 85-103, 2010.

KOH, M. Y.; KOH, H. C. The determinants of performance in an accountancy degree programme. **Accounting Education**, v. 8, n. 1, p. 13-29, 1999.

LEVENSON, H. Multidimensional locus of control in psychiatric patients. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 41, p. 397-404, 1973.

MARSH, H. W.; O'MARA, A. Reciprocal effects between academic self-concept, self-esteem, achievement, and attainment over seven adolescent years. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 34, n. 4, p. 542-552, 2008.

MARTIN-ALBO, J. et al. The Rosenberg self-esteem scale: translation and validation in university students. **The Spanish Journal of Psychology**. v. 10, n. 2, p.458-467, 2007.

MASASI, N. J. How personal attribute affect students' performance in undergraduate accounting course. A case of adult learner in Tanzania. **International Journal of Academic Research in Accounting, Finance and Management Sciences**, v. 2, n. 2, p. 201-211, 2012.

MIRANDA, G. J. Relações entre as qualificações do professor e o desempenho discente nos cursos de graduação em Contabilidade no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Programa de Pós- Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária (FEA/USP), São Paulo (SP), 2011.

MIRANDA, G. J. et al. Determinantes do desempenho acadêmico na área de negócios. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE- (ENEPQ), 7., 2013, Brasília (DF). **Anais...** Brasília: ANPAD, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalhoandcod_edicao_subsecao=989andcod_evento_edicao=70andcod_edicao_trabalho=16665>. Acesso em: 14 out. 2013.

MEDEIROS, A. L. B. **Alfabetismo funcional em alunos do curso de Administração de Empresas e sua relação com a auto-eficácia e o auto-controle de suas atividades de aprendizagem**. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo (SP), 2006.

NUNES, R et al. **A escala de auto-eficácia geral percebida**. 1999. Disponível em <http://web.fuberlin.de/skalen/Language_Selection/Portuguese/AutoEficacia_Geral_Percepcao/hauptteil_auto-eficacia_geral_percepcao.htm>.

OLIVEIRA, M. B.; SOARES, A. B. Auto-eficácia, raciocínio verbal e desempenho escolar em estudantes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 33-39, 2011.

PASQUALOTTO, A. C. et al. A relação entre o adolescente e o tabaco: estudo de fatores sóciodemográficos de escolares em Santa Maria, RS. **Pediatria**, v. 24, p. 11-16, 2002.

PULLMANN, H.; ALLIK, J. Relations of academic and general self-esteem to school achievement. **Personality and Individual Differences**, v. 45, n. 6, p. 559-564, 2008.

RIBEIRO, C. **Em torno do conceito de locus de controle**. Coimbra University Press, p. 297-314, 2000.

ROGERS SILVA, P. **Psicologia do risco do crédito: análise da contribuição de variáveis psicológicas em modelos de credit scoring**. 2011. 232 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989.

ROSS, C. E.; BROH, B. A. The roles of self-esteem and the sense of personal control in the academic achievement process. **Sociology of Education**, p. 270-284, 2000.

SANTOS, N. A. **Determinantes do desempenho acadêmico dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, FEA/USP, São Paulo, 2012.

SCHEIER, M. F.; CARVER, C. S.; BRIDGES, M. W. Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self- mastery, and self-esteem): a reevaluation of the Life Orientation Test. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 67, n. 6, p. 1063-1078, 1994.

SCHWARZER, R. Self-efficacy as a resource factor in stress appraisal processes. In: _____. (Ed.). **Self-efficacy: thought control of action**. Washington, DC: Hemisphere, 1992. P. 195-213. Disponível em: <http://chipts.ucla.edu/assessment/Assessment_Instruments/Assessment_pdf_new/assess_gses_pdf.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2010.

SEOW, P. S.; PAN, G.; TAY, J. In search of a different accounting graduate: entrypoint determinants of students' performance in an undergraduate accountancy degree programme in Singapore. In: EUROPEAN ACCOUNTING ASSOCIATION CONFERENCE, 2011, Roma (ITA). **Anais...** Roma: EAA, 2011. p. 9-11.

TEIXEIRA, M. O. A Escala multidimensional de auto-eficácia percebida: um estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica**, v. 25, n. 1, p. 141-158, 2008.

TINTO, V. Dropout from higher education: a theoretical synthesis of recent research. **Review of Educational Research**, New York, n. 45, p. 89-125, 1975.

WARNER, J. Historical perspectives on the shifting boundaries around youth and alcohol: the example of pre-industrial England, 1350-1750. **Addiction**, v. 93, n. 5, p. 641-657, 1998.

ZIMMERMAN, B. J. Self-efficacy: an essential motive to learn. **Contemporary Educational Psychology**, v. 25, n. 1, p. 82-91, 2000.